

QUINTA-FEIRA
Lisboa--31 de Janeiro--1929

OS TÓES
Capelo

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **141**
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Lisboa, cidade de marmore, granito e monopolios



- Alto lá, ó seu «xófer»! Leva gente para o Limoeiro?
- Val completo.
- Então está multado. Não sabe que a Carris não consente o transporte de passageiros em comum?



Os ditos da semana



Abundancia de reis No Afeganistão ha uma crise de abundancia de reis, exactamente ao contrario do que acontece em Portugal.

Trez reis, nem mais nem menos, reinam aos reis nos confins do Oriente e todos se julgam com direito ao trono. Um porque já o era, outro porque o mano lhe passou o sceptro para as mãos e ainda um terceiro porque, sentando-se no trono, proclamou aos quatro ventos:

—O rei sou eu.

Quem melhores unhas tiver melhor tocará a guitarra da corôa afgã.

Convem elucidar o leitor que não ha qualquer relação, proxima ou remota, entre a questão dinastica do Afeganistão e a peça em scena no Politeama—trez cães a um osso.

Direcção proibida Apareceram agora pelas esquinas umas ventarolas que dizem assim: *Direcção proibida*. Resulta dali que são proibidas todas as direcções, porque a ventarola é visivel de todos os lados. Quem vem de cima lê o distico: *Direcção proibida*.

—Oh! co'os diabos, não posso ir por aqui.

Quem vem de baixo, vê o distico fatal: *direcção proibida*.

Oh! co'os diabos, não posso ir por aqui.

Quem vem da direita encontra o fatalissimo distico: *direcção proibida*.

—Oh! co'os diabos, não posso ir por ali.

Quem vem da esquerda depara com o distico inexoravel: *direcção proibida*.

—Oh! co'os diabos, não posso ir por aqui.

E ficam todos na encruzilhada, a olhar uns para os outros, com caras de parvos e metidos neste dilema: ou nunca mais sair dali, ou ir meter-se nas garras da multa, que aparece sempre em forma de policia com o *casse-tête* no ar.

A confusão é tão grande, a dificuldade é tamanha, que até um saloio que veio pôr uma filha a servir na rua do Oiro, ficou desolado quando, ao chegar á esquina, deu com a terrivel legenda, mesmo de frente do nome da rua, exclamando quasi com as lagrimas nos olhos:

—Ora holas, e agora não

posso escrever duas regras á piquena. Ela disse-me que a indirecção que havia de prantar no insevescrito era—Rua do Oiro e p'los modos a cachopa não sabia que esta indirecção é purivida.

O dicionario! A Academia das Sciencias vae continuar o dicionario da lingua portugueza, ha muitos anos começado—aquele dicionario que um belo dia parava nas alturas de *azurrar*. Agora, ajudado com algumas chicotadas do sr. dr. Julio Dantas, o dicionario põe-se a

caminho, deixa de *azurrar*, toma o freio nos dentes e vae por ai fóra sem parar até o fim. Vamos finalmente saber a verdadeira significação das palavras, para nos podermos enganar uns aos outros com toda a propriedade.

Resta saber se a Academia continua o que já está feito, ou se faz trabalho novo, desde o principio.

Se começa pelo principio arrisca-se a naufragar no mesmo escolho. E' talvez preferivel continuar a obra iniciada tão sonoramente ha alguns anos, começando assim:—*azurrar*... é um verbo regular etc., etc.

Berço ou coqueiro?

Descobriu agora que o primeiro berço da humanidade foi na Africa Oriental. Lá foi encontrado um esqueleto humano a atestar a existencia do homem na primeira parte do segundo periodo glaciario da Europa.

Ao *Sempre Fixe* nada repugna acreditar numa grande civilização africana de ha milhares de anos, menos lhe repugnando ainda admitir que o primeiro homem ali tivesse visto a luz do dia, tão habituados andamos a encontrar ai a canto canto semelhantes nossos que são verdadeiros atestados da nossa ascendencia simiesca, confirmando em absoluto a teoria de Darwin.

Mas, dada a predilecção dos nossos primeiros avós para se empoleirarem nas pontas dos coqueiros, surge aqui um problema que apresentamos á consideração das Academias:

—Poderá efectivamente dizer-se que a Africa foi o primeiro berço da humanidade?

Por nossa parte, cremos bem, na nossa ignorancia destes assuntos, que não.

Se o homem surgiu á face da Terra, nas regiões africanas, deve ter tido o seu primeiro *habitat* nas pontas dum coqueiro e não num berço de rendas como o sr. Antonio Cabreira e é talvez por isso que todos nós temos, atavicamente, tanto amor ao *cóco* e tanta vontade de trepar... na vida.

Um problema Um telegrama enviado de Epinal aos jornaes, dá a seguinte sensacional noticia.

«Epinal, 24.—Uma vaca deu á luz um vitelo que constitue um verdadeiro fenomeno, pois possui a cabeça dum bull-dog e corpo dum vitelo, as patas dum porco e a parte trazeira dum urso.»

Cabe aqui *aplicar el cuento* do caçador a quem um amigo pergunta:

—Donde vens tu?

—Da caça dos coelhos.

—Quantos matastes?

—Não matei nenhum.

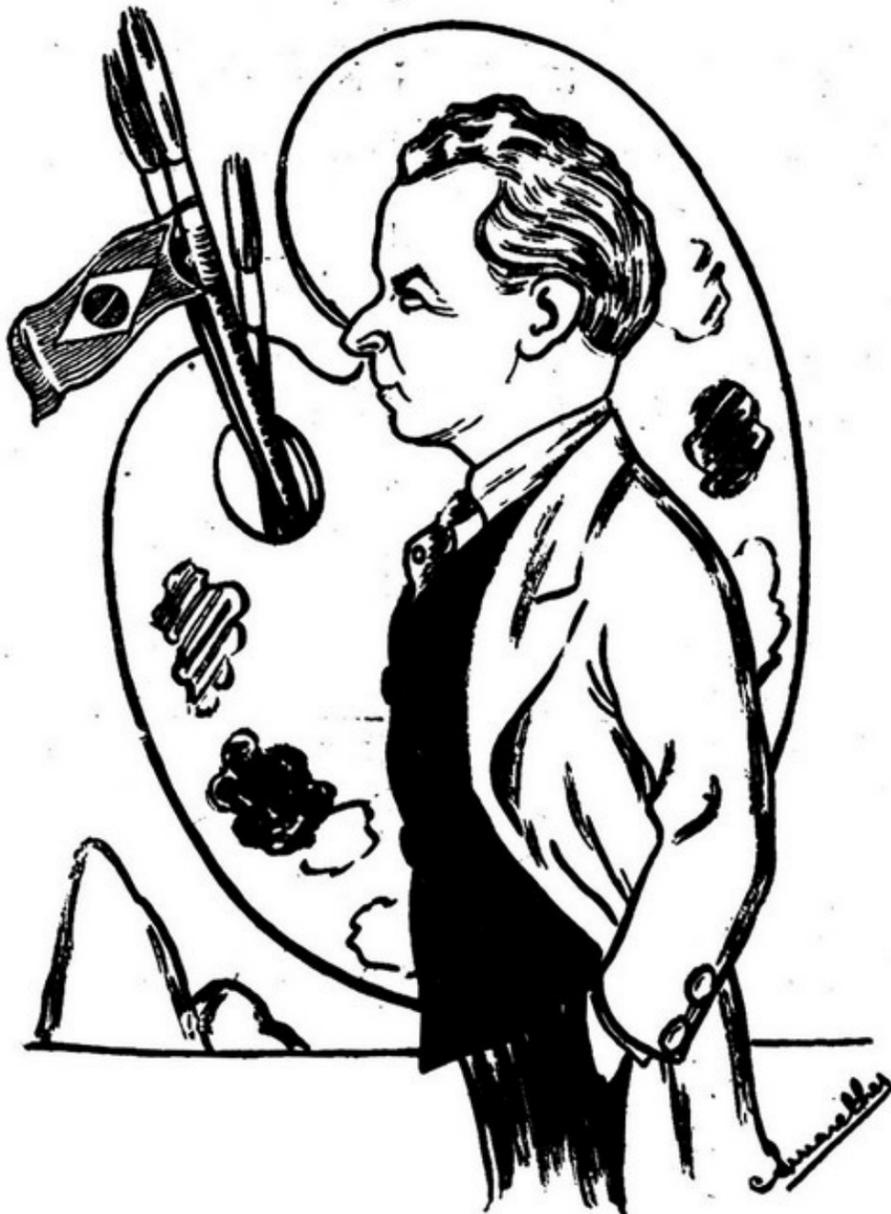
—Então como sabes que vens da caça dos coelhos?

Aplicado *el cuento*, pergunta o *Sempre Fixe*.

—Então como se sabe que foi um vitelo que a vaca deu á luz?

Leopoldo Gotuzzo

Pintor brasileiro



O pintor Gotuzzo nada «gotôso» que cahiu no «gôto» dos portuguezes, e a quem o «Fixe» gostosamente felicita pelo exito da sua exposição.

Fados, com boa assistencia só no Solar d'Alegria.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

AQUELE famigerado almoço do «Maxim's» tem dado que escrever... Mas ha coisas que nem de proposito. Sabem os leitores o que anunciou e T. da T.? Nada mais, nada menos do que isto:

«Os dramaturgos R. C. e C. R. vão traduzir a peça francesa *Topezte*.»

Ora o escritor teatral R. C. foi justamente o que mais atacou, nesse banquete, o teatro de *boulevard*, o teatro francês... e a sua primeira obra... é uma tradução do francês!

R. C. deve rir-se... mas onde elas se fazem... elas se pagam...

Nessa reunião dramatica, o R. C. disse para um tradutor de teatro que estava sentado na sua frente, durante o discurso do representante dos autores dramaticos franceses em Lisboa:

— O' A. de A., traduza-me isto porque eu não sei francês...

Era *blague*... porque o R. conhece bem o idioma de Vitor Hugo... mas aproveitou a ocasião para alfinetar os que traduzem para viver.

Quem nos diria que ele, bem depressa, se apresentava como tradutor...

Que mais surpresas nos trará o almoço de confraternização?

■ ■ ■

UM jornal do país visinho publicou a seguinte local, que transcrevemos na propria lingua para não perder o sabor:

EL ACTOR PORTUGUES PINHEIRO

«Se encuentra en Madrid el gran actor cómico português Sr. Pinheiro. Dicho artista es uno de los más conocidos en Portugal y de los que pueden ponerse como modelo entre los de su país.»

Este Pinheiro deve ser o Cha... se

não nos enganamos... Chamar *modelo entre los de su país* ao Cha... é uma grande piada! Onde haveria palco para representar meia duzia desses modelos?

Isto é o que se chama fazer *pouquinho* da magreza dos outros...

Quando lá fôr a companhia L. S. E. B. e virem o S. D., tambem lhe chamarão modelo?

■ ■ ■

ESTE C. L. era preciso inventá-lo se não existisse... A mania de escrever leva-o ás vezes a dizer o que não diria... dois meses depois.

Numa cronica que enviou para o Brasil, lê-se a meio o seguinte:

«... enquanto o actor-empresario e revolucionario civil sr. J. C. se enchia de escudos...»

Apostamos, dobrado contra singelo, que neste momento não escrevia isto?

E' caso para dizer: — «Limita-te a representar. Para se escrever, e principalmente para o estrangeiro, é necessario pensar-se no futuro... e o futuro a Deus pertence!»

O C. L. é do melhor que ha em genero *facada*... Todos tem o seu *fado* e ele tem esse...

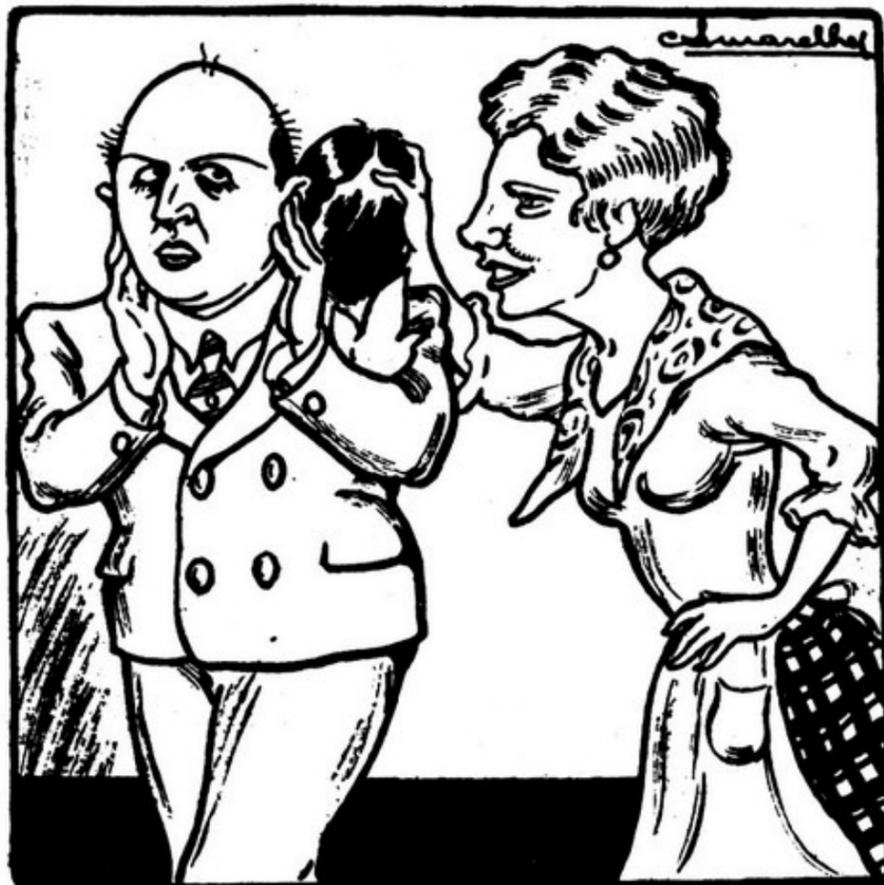
Lá foi parar ao E. T. e lá está a trabalhar ao lado do revolucionario civil...

■ ■ ■

DO escritor teatral M. D. recebemos uma carta que não é para ser publicada — segundo nos disse — mas sim para ser unicamente lida por nós! Depois de a lêr com atenção, temos a dar ao M. D. a seguinte resposta:

Quem não quer ser urso, não leve a pele. Não julgue que lhe chamamos este nome feio: urso! E' só em sentido figurado...

Esta pagina é de *blague* inofensi-



A actriz M. S., que segundo dizem poz a calva á mostra ao E. B....

va e não tem intulos de ferir nem de magoar quem quer que seja... e muito menos amigos velhos!... Brincámos sómente, mas ele zangou-se. Prometemos não tornar a beliscar no activo organizador da S. de E. e C. T. P.... Que nos perdõe o beliscão, que não era para fazer doer...

■ ■ ■

FEZ ha dias a sua festa artistica — antigamente chamavam-lhe beneficios — uma actriz conhecida. Como enchesse completamente a casa, alguém disse:

— Esta pequena, com certeza, fez uma grande *passagem*.

— Não — respondeu do lado o eterno má-lingua — ela é que é de maior *passagem* do que a ponte do Porto...

■ ■ ■

QUE lindas criticas teve o original da-A. A. Até dava gosto lê-las. Todos calçaram as suas melhores luvas e todos escreveram com elas calçadas!... E' tão bonito ser educado... e principalmente quando se fala duma senhora!

A delicadeza foi tal que até, num café, ao lêr-se uma das criticas, um humorista exclamou:

— Basta de cortezias e de palavras com punhos de renda!... Sinto vontade de dizer uma das expressões usadas pela actriz M. S.... e proferidas contra o empresario E. B....

■ ■ ■

VOLTA a falar-se na abertura do T. A. Pobre teatro! Abre e fecha como quem muda de camisa! O publico, dessa maneira, chega a julgar que a data duma das muitas anunciadas *aberturas* coincide com muitas das não anunciadas *fechaduras*...

NA secção teatral dum jornal publicou-se, ha dias, a seguinte nota:

«O escritor J. B. participa como autor, presentemente, das seguintes peças em scena: «Heróis do

Mar», em Lisboa e no Porto, respectivamente no T. e no S. J.; «O Pão de Ló», no A.; «O Domador de Sogras», no P., e «O Fado», no E. T.»

O' João, deixa um bocadinho para os outros... não sejas mau! A crise teatral começa a apertar-te! Tem cautela com a crise da abundancia, de que andas atacado!

Já se fala em mais duas revistas tuas, que vão entrar em ensaios...

Cuidado! Olha que isso é demais! E se fizesses um rateio, ao menos, pelos amigos? Não era uma ideia?

■ ■ ■

O A. da C. faz a sua festa com a peça «A Pele Nova»...

Três anos no T. N. justifica, realmente, que necessite de pele nova. A que tinha, quando para lá entrou, levaram-na os artistas...

■ ■ ■

No proximo numero, publicaremos uma carta, que já temos em nosso poder, da actriz M. S., em resposta á que o empresario E. B. enviou ao G. dos A. T.

■ ■ ■

QUE os artistas sem principios ou os que nunca foram ao Conservatorio, não se saibam pintar, bem está... Mas que os chamados velhos actores, os da escola antiga, do tempo do A. R. e do B. apareçam no palco mascarados com rolha queimada, chega a ser vergonhoso... Quasi tão vergonhoso como usar colarinhos de borracha em scena...

Haja proibiçao neste estertor do teatro declamado...

O Homem das 5 horas

FUME SUNRIPE

Aprimorados Fados só no Solar d'Alegria.



Constança Navarro que mais parece uma gentil princezinha do nosso teatro e cujo nome nos faz lembrar o de alguma rainha de Castela ou Aragão...

BOM HUMOR

Num restaurant:
O freguês: — Queria cear bem, mas não queria gastar mais de quinze mil réis. O que me aconselha?
O criado: — Comer no outro restaurant...

* * *

No escritório:
— Então é hoje o enterro da sua sogra e você vem ao emprego?
— Querido chefe! Primeiro os deveres, depois os prazeres...

* * *

— Escrevi ao Julio que me esperasse para jantar. Fui a sua casa, mas não o encontrei.
— Isso só prova que ele recebeu a tua carta...

* * *

Entre amigos:
— Gostou de Veneza?
— Não pude vê-la bem. Estava inundada quando cheguei...

* * *

No tribunal:
O juiz: — Em resumo. Porque roubou o quadro?
— Que quere! Tinha um letreiro dizendo: «Boa ocasião. Não deixe escapar»...

* * *

O estudante: — Acabo de comprar uma enciclopedia. Sabe que livro é?
A dona da pensão: — Não!
O estudante: — Um livro que diz tudo!

A dona da pensão: — Então deve dizer quando é que o senhor me paga as mensalidades atrasadas.

* * *

Ela: — Vai ali a Alice.
Ele: — Quem é?
Ela: — Uma rapariga que é telefonista num Banco. Imagina que só queria ter um filho e deu á luz dois gêmeos...
— E' natural! As meninas dos telefones nunca dão o numero que se lhes pede...



COUSA MENDES

um scenografo de 3 palmos de altura, mas de 1^o.90 de talento

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes!

Antes a perna...

O dr. Smith tocou a campainha e avisou a creada que podia arrumar o consultorio. Abriu a vitrine dos livros, puxou de um volume, carregou o cachimbo e atirou-se para a concavidade de uma poltrona, disposto a matar galhas.

Ainda bem não tocara, com as suas costas largas a poltrona, e logo soltou um formidável berro.

— Quem será o massador? Não estou para ninguem. Acabou-se a consulta, sai, e que vão para o diabo. Vá lá fazer sentir todas estas coisas ao estafermo que está a estragar-me a campainha.

A creada foi e voltou muito assustada.

— Sr. doutor. Está lá fóra um sujeito que diz encontrar-se na disposição de não sair da escada enquanto não fór recebido. Afirma que precisa de fazer uma operação.

— Vá lá fóra dizer ao cavalheiro que aqui só se corta, e que se o mal dele é na cabeça, só poderei cortar-lhe a cabeça.

— Acrescenta que mesmo isso não posso fazer porque se me acabou a paciencia e o cloroformio.

A creada voltou a sair e apareceu pouco depois, ainda mais assustada.

— Senhor doutor. O homem apontou-me uma pistola. Intimou-me a deixá-lo entrar e mandou buscar, nem que fôsse um carnicheiro, para lhe fazer um corte.

O dr. Smith limpou os oculos, arrumou o cachimbo, foi colocar o volume na estante e disse serenamente:

— Mande entrar o homem.

* * *

— Meu caro senhor — informava o doutor ao visitante — não o mandei logo entrar porque não achava conveniente ter de confessar que se acabou o cloroformio, e dois serrotes para cortar ossos, com o demasiado uso que deles fiz hoje, se me partiram.

— Não faz mal — exclamou o visitante. V. Ex.^a deve ter qualquer coisa que corte...

— Certamente, meu caro senhor... Por exemplo, aquela grande serra, que parece mais applicavel para cortar pinheiros.

— Pois eu queria que V. Ex.^a cortasse...

— Mas... devo informá-lo que aqui não é officina de serração.

— Perfeitamente. O meu corte requer um cirurgião.

— Então que quer V. Ex.^a cortar...

— Uma perna.

— Uma perna? Deixe vêr... Qual?...

— Qual?... Uma qualquer... Possivelmente aquela que fór mais do agrado de V. Ex.^a...

O doutor, sempre com a mesma fleugma, observou:

— Parece-me uma operação difficil. Nem eu tenho agora serrotes disponiveis nem o meu caro senhor terá talvez disponibilidades...

— Tenho num Banco...

— Ah! Muito bem. E como deseja que lhe corte a perna... Vamos ao contrato...

— Depois de cortada a perna, V. Ex.^a encarrega-se de a embalsamar e mandar para um local por mim indicado num papel reconhecido pelo tabelião.

O visitante puxou dum papel e mostrou ao doutor.

— Faça favor de enviar para esta pessoa a minha perna. Recomendo a V. Ex.^a o maximo cuidado no acondicionamento.

O doutor reparou na direcção indicada e exclamou:

— Essa senhora foi por mim operada, ha um mês. Amputei-lhe a perna esquerda pelo joelho.

— Essa senhora é minha noiva... Eu queria dar-lhe uma prova do meu amor, oferecendo-lhe a minha perna, a minha pobre perna embalsamada.

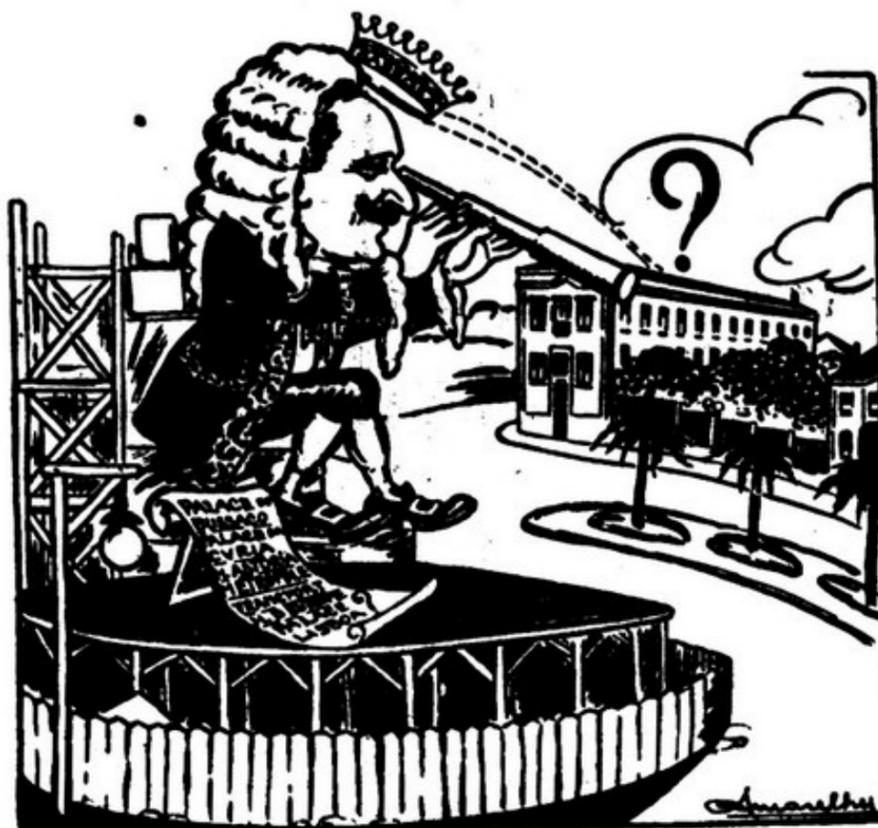
O doutor sorriu e disse:

— Compreendo. Compreendo agora tudo. Não ha nada mais respeitavel que um homem apaixonado. Mas o senhor tem outra maneira ainda mais impressionante de lhe provar o seu grande amor. Essa senhora, quando aqui esteve para ser operada, disse-me que o senhor não se dava com a sua sogra... Pois ahí tem uma ocasião para mostrar o seu poder de sacrificio. Faça-se o maior amigo de sua sogra...

— Então o homem, que por amor queria cortar uma perna, exclamou aterrorizado.

— Com a minha sogra... Não posso, senhor doutor... E' superior ás minhas forças... Oh! Antes a perna cortada...

OS "PALACES"



Segundo dizem, Alexandre de Almeida, terá que vêr a expropriação do Palacio por um oculo, mas se assim fór ainda é capaz de expropriar a corda ao conde...

Riso amarelo

Fontenelle, já na decadencia, conservava dos seus bons tempos apenas raros lampejos.

E Diderot, falando dele, dizia: — E' um castelo em ruínas e por onde andam fantasmas.

A quantos genios consumidos e consumados poderíamos aplicar semelhante concelho...

* * *

Achando-se no palacio do Louvre o conde de Grammont com o bispo de Senlis, perguntou o rei Luis XIV, ao prelado que idade teria o conde.

— Sire — respondeu o bispo — eu tenho oitenta e três anos e o conde deve ter aproximadamente a minha idade porque estudámos juntos.

— O bispo engana-se — disse Grammont — porque nem eu nem eu estudámos nunca...

A certos condiscipulos que nos querem comprometer a idade poderíamos dar resposta semelhante.

* * *

Revistando Napoleão Bonaparte um dos seus regimentos, advertiu que um soldado tinha o calçado limpo nas ponteiros, mas estando as botas sujas de lama.

O corso perguntou ao soldado: — Por que levas o calçado tão brilhante pela frente e tão sujo por detrás?

— Sire — respondeu o interrogado — um soldado apenas mostra aos inimigos a ponteira das botas e nunca os tacões...

Semelhante resposta cabe sempre em semelhante reparo, mesmo que se não trate dum soldado...

* * *

Acusaram um membro da Curia de Londres de ter roubado uma taça de prata.

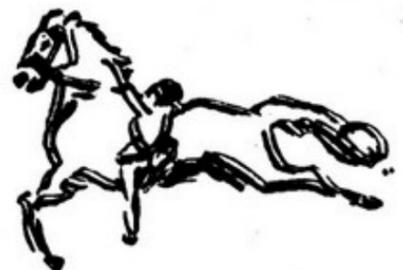
O defensor conseguiu que o absolvessem com este argumento irresponsivel:

— O meu defendido — disse — pertence á Curia e a prova de que não é ele o ladrão é que roubaram a taça e deixaram a salva respectiva.

Ha casos em que semelhante argumento de defesa é realmente irresponsivel...

Cálem, não!

Braga, Bastos & Samuel, Limitada, enviaram-nos, com a maior das gentilezas, algumas garrafas de vinho do Porto «Universal», uma pinga adoravel da casa A. A. Cálem, Limitada, que representam entre nós. Mas, porque só entre nós isto não pode ficar — um aperto de mão agradecido, porque embora o vinho seja «Cálem», vobalencias não de permitir que os bons gostos falem...



A' menina e ao borracho nem sempre se põe um cavalo por baixo...

400.000\$00

Estão á venda na feliz casa de

José Pedro

173-R. ARCO BANDEIRA-1/3

FUMESUNRIPE

Boa assistencia só no Solar d'Alegria.

Elevador da Gloria Uma confusão

Estamos na livre, sêca e intransigente America. Sobre o estrado dum club intelectual e moral, um sacerdote protestante perora sobre a assembleia atenta e compacta:

— Meus senhores! O jôgo é um vicio que deprime os caracteres. O homem que joga, por mais altivo que seja, sacrifica tudo: casa, mulher, filhos ao seu negregado vicio. O dinheiro do jôgo deve ser lançado ao mar.

— Muito bem! — brada um dos ouvintes.

O orador continua, inflamado:

— O alcool é o maior flagelo da humanidade. O homem que bebe pode tornar-se um ladrão, um criminoso, um louco. Todos os vinhos deviam ser lançados ao mar.

— Muito bem! — brada o mesmo ouvinte.

O orador termina, dizendo:

— E a mulher! Oh! a mulher! Pertencem-lhe a ela metade das desgraças que acabrunham o mundo. Ela é a perfidia! A inveja! O ciúme. O pecado! A mulher também devia ser lançada ao mar.

— Muito bem! Muito bem! — Aplaudem entusiasmado o mesmo ouvinte.

No fim do discurso o orador dirige-se ao caloroso partidario das suas doutrinas, e pergunta-lhe:

— E' medico ou filosofo?

— Nem uma coisa, nem outra: sou escafandro!

* * *

Dizem que não ha creadas fiéis. Puro engano. A scena passa-se na provincia, o que explica a resposta pela falta de materia prima...

— Minha senhora, está muito constipada. E' preciso que se cubra bem.

— Apoquentas-te muito...

— Bastante, minha senhora. Nem calcula...

— Então, porquê.

— Porque, se a senhora morresse, como já estou velha, não tinha casa para onde ir...

FUME **SUNRIPE**

Uma noite alegre só no Solar d'Alegria.



O Rico... Menino do Covões

Florindo de Carvalho era um excelente rapaz a quem a farda assentava — como soe dizer-se — como uma luva.

Insinuante, inteligente, os superiores tinham por Florindo a consideração que merece todo aquele que, honrando a farda que veste, sabe por maneiras e actos tornar-se digno aos olhos de toda a gente.

E se alto subira na consideração dos superiores lá no quartel, mais alto subira ainda na admiração das mulheres, não só pelas suas maneiras delicadas, como pelo muito geito que tinha para interpretar os papéis — que, em recitas de caridade, lhe eram confiados.

Festa que metesse representação, o nome de Florindo Carvalho era logo apontado; e o certo é que vez alguma pela sua habilidade para o teatro deixou de merecer os melhores e mais francos apiausos.

Anos seguidos durou esta gloria, e Florindo tornou-se uma personagem indispensavel em todas as festas das Pires e Soisas das suas relações.

Um dia, Florindo Carvalho, sempre gentil e correcto para com as damas, foi apresentar-lhes os seus cumprimentos de despedida: partia para a guerra.

As festas das Pires e das Soisas tornaram-se mais raras e, se alguma se realizava, logo o seu nome era recordado com saudade.

Os tempos correram e a guerra acabou, como é do conhecimento de todos.

Florindo voltou e, tomando-se de amôres por uma mulher gentil, casou-se.

Então, os jornais começaram falando, na secção teatral, dum moço chelo de talento chamado Florindo Carvalho, que abandonava a vida da tropa para se dedicar ao teatro.

As Pires e as Soisas encontravam-se pelo Chiado e rua do Ouro, dizendo umas para as outras:

— Já sabes? Então o nosso Florindo de Carvalho vai para o teatro!...

— E' verdade. E olha que tem muita habilidade. Deve fazer carreira. Não tenhas duvida.

Dias volvidos, as gazetas anunciavam a estreia de Florindo e a critica, sempre justa, teceu-lhe os maiores elogios.

As Pires e as Soisas, quando se viam, recordavam a sua gentileza, mas o certo é que, por quaisquer motivos, nenhuma se incomodava a ir ao teatro ver o actor.

Um dia, o nosso Florindo Carvalho, que nunca abandonara a tropa e era viltima dum cavalheiro do mesmo nome, subia a rua do Ouro carregado de embrulhos, como um bom chefe de familia.

E quiz o acaso que encontrasse uma das tais senhoras que em muito apreço tinham as suas qualidades como organizador e interprete das festas de caridade.

— Como está o sr. Florindo Carvalho? Que feliz encontro!

— Oh! minha senhora. Feliz sou eu por voltar a vê-la, agora que se passaram tantos anos sobre as nossas festas.

— Sim, senhor. Sim, senhor. Então como se dá com a sua vida? — voltou ela.

— Bem! Muito bem! — respondeu Florindo, que julgava tratar-se do casamento.

— E «sucessos» tem tido?

— Não, minha senhora. Por enquanto... não... — contestou, pensando que lhe falavam em filhos.

Logo ela, condôida:

— E' boal... Que pena! E o senhor que tinha tanto geito!...



O nome do bicho

Duas creadas conversavam numa palestra amena, em que a tesoura da critica não raras vezes vinha retalhar a honestidade da senhora, a conta que o patrão devia á mercearia e o misterio da menina, que todas as noites metia o namorado no quarto, e muitos mais assuntos dignos ou não da sua proverbial má lingua. Por fim, mudando de conversa, a creada de fóra começou descrevendo á da cosinha a visita que tinha feito ao Jardim Zoologico, na companhia do seu papo-sêco, e todos os bichos que lá tinha visto, desde o macaco ao elefante, desde a foca ao hipopotamo, rematando assim:

— Mas, de todos os bichos que eu lá vi e que mais gostei, foi dum que estava metido numa jaula, muito maior do que um gato, amarelo e sarapintado a modo de riscas pretas, parecendo-se muito com o tapete que a senhora tem na sala. Ora chama-se, chama-se... não me lembro... Ah! já sei: — leopoldo.

— O' mulher, não sejas estúpida, diz a outra com modo desdenhoso, não se chama leopoldo. Estúpida! E' o leonardo...

Utilidades "maximicas,"

O nosso simpatico Maxim's distribue, com o melhor dos sorrisos dos criados e porteiros, um simpatico cartão reclamando os seus jantares-concêrtos, que deixam a gente meia concertada.

No verso desse cartão ha uma lista utilissima de telefones uteis.

Começa pelo da Policia, segue-se o dos Bombeiros, depois os dos Hospitais e da Morgue e, para fechar a lista com um ralo solar, traz no final o numero do aparelho do «Internacional», da Costa do Sol.

Vocelencias hão de concordar que o cartão foi inteligentemente confeccionado. Quem está no Maxim's, telefona primeiro para a Policia, depois para os Bombeiros, depois para os Hospitais, a seguir para a Morgue e... depois de morto, vai então para a Costa do Sol em carro da Cruz Vermelha, que se não esqueceram tambem de incluir na lista.

Abandonada, não!



— Deixa-lo! Homens ha muitos. Dentada de cão cura-se com pêlo doutro cão.



Alex... que se faz tarde

TAC-TAC-TAC

A maravilhosa aventura de Pena Pina

Pena, o meu amigo Pena Pina, era um quarentão bem encorpado, quasi robusto; mais alto do que baixo; usava a cara rapada; tinha olhos azues, e era calvo.

Era casado, assás fiel esposo, trabalhador infatigavel, seguro nos seus negocios e de costumes afincadamente burgueses.

Mas tinha um grande fraco: já na idade proecta melera-se-lhe na cabeça fazer — uma vez que fôsse! — «uma pandegastinha como essas que os rapazes fazem». Tão sómente, seguro como era, esperava prudentemente a ocasião de pôr em pratica seu secreto projecto, sem se comprometer.

Essa ocasião apresentou-se-lhe, precisamente, no dia em que o Alvaro Penhasco — um grande amigo, levado de seiscientos diabos! — o convidou, numa tarde, e sem mais aquelas, a fazerem uma escapade a Vila do Conde, onde, segundo o Alvaro afirmava, estava, nessa ocasião, «uma data de espanholas de truz».

Pena Pina ouviu-o atônito de começo. Depois, começaram os dois imperativos do seu nome a brigarem um com outro; e ele, sem mesmo saber como nem porquê, resolveu que não valia a pena acentuar tão descaradamente o primeiro, que do segundo apenas se aproveitasse uma paradoxal reminiscencia.

Entendo pretextado um negocio urgente, pegou numa pequena maleta, com uma camisa e um par de peugas, e abaiou no rapido da tarde, em companhia e com grande gaudio do seu amigo Alvaro, que era levado de seiscientos diabos.

Até ao Porto, foi um mar de rosas. Os dois companheiros, bem instalados no restaurant, banquetearam-se á larga e riram a bom rir. Pena Pina esquecera por completo o seu primeiro apelido; e tanto que, quando o seu amigo, para fazer as contas, tirou, nas alturas de Campanhã, a caneta de tinta permanente, ele, só então, se lembrou desse malfadado nome, exclamando, pesaroso.

— E' pena que a viagem durasse tão pouco!

E, entretanto, a função apenas começara.

Chegados a Campanhã, o Alvaro alvitrou saírem ali mesmo, tomando um automovel para Vila do Conde, e poder organizar uma fun-

çanata digna da iniciação de Pena Pina. Este logo acedeu sem mais aquelas.

No automovel, que ia, como se costuma dizer, a nove, tudo tram projectos gloriosos.

Mas, de repente, Pena lembrou-se que, sendo ele presidente do Gremio dos Fornecedores de Ar Liquido aos Domicilios, tinha de estar no dia seguinte em Lisboa para assistir á reunião magna desse gremio.

— E' pena! — exclamou, contristado.

— Você tem tempo para tudo! — contestou o amigo. Chegamos daqui a um momento a Vila do Conde; vamos ceiar com as artistas; você fica no hotel e, logo de manhã, raspa-se para Campanhã, a tomar o correio.

O nosso Pena lá se conformou. Mas pouco lhe durou o contentamento. Chegados a Vila do Conde, o hotel só tinha um quarto disponível e esse... estava marcado precisamente para servir de tálamo ao Alvaro Penhasco e á Lolita Cabrera, que no salão já o esperava. Por outro lado, o chauffeur declarou que não passava a noite fóra do Porto e queria voltar imediatamente.

A coisa tinha de ser assim! Pena Pina, sempre a fazer fincapé no primeiro dos seus apelidos, lá teve de abandonar o amigo e voltar sem ceia e sem pandegastinha para a Campanhã.

Chegados á estação, o chauffeur indicou-lhe uma especie de hospedaria, cobrou a viagem e foi-se, pretextando um serviço urgente para a malrugada.

Pena Pina ficou, só e desolado, no largo mal iluminado da estação. Depois, subitamente, resolutivo, dirigiu-se ao tal hotel da lanterninha e bateu á porta. Abriam-lhe, receberam a dormida e indicaram-lhe um quarto, onde colocaram um candieiro de petroleo.

Pena Pina pôs a maleta a um canto, fechou logo a porta á chave e olhou em redor. Era um quarto pequenissimo, um cubiculo, que tinha por moveis uma cama, uma cadeira e, sobre um mócho de pintão, um alguidar. Como janela, uma fresta por onde mal caberia a cabeça dum homem.

Aquilo era pesadelo! Pena tirou o casaco, dobrou-o e estendeu-o nas costas da cadeira. Tirou as calças e dobrou-as em cima do casaco. Depois, pôs o chapéu na mão da porta e, cuidadosamente, cobrou o capachinho, de que se munira em Lisboa, para parecer mais novo, sobre as calças, na mesma cadeira. Sentou-se na cama, descalçou as botas, benzeu-se e enfiou-se entre as lençóis cheirando a bafio.

Mas, logo, ouviu um ruído desusado. Ergueu-se dum salto e lembrou-se da carteira, onde deixara o me-

lhor de dois contos que trouxera de casa com o pretexto do tal negocio.

Pena escondeu a carteira sob o travesseiro, esboçou um sorriso de aoluta coragem e, como para se convencer de que não tinha medo nenhum, apagou o candieiro. Mas, apenas a sombra invadiu o aposento, todo o seu animo o abandonou. Sergueu-se sobre a cabeceira e resolveu não adormecer. Passaria assim aquelas horas, velando. E, aconchegando os cobertores ao peito, recostou-se ligeiramente.

A escuridão povoava-se de sombras estranhas. Pela frente de Pena Pina deslisavam lentas gótas de afflivo suor.

— Ora, que diabo! Quem é que havia de ir ali roubá-lo?

Nisto, a vidraça da fresta bateu com força contra a parede e com grande estrondo, qualquer coisa pesada caiu dentro do quarto. Pena ficou tranzido. E, não podendo ficar com o que fóra, resolveu meter a cabeça sob os lençóis e esperar a madrugada, enquanto balbuciava atabalhoadamente o responso a Santo Antonio.

Seria o santo que tornou menos torturante a situação, fazendo entrar pela fresta aberta uma nesga de claridade bruxoleante? Pena Pina cobrou algum animo e saltou da cama. Palpou a carteira, deitou desconfiado o ambiente e, pé ante pé, foi-se á descoberta da causa daquele ruído que tanto a amedrontara. Sobre a cadeira, deitado confortavelmente no seu capachinho, um gato preto ressonava com delicia.

— Raios o partam! — exclamou o Pena, para se encorajar. Mas resolveu sair imediatamente daquele antro.

Vestiu-se e saiu, caminho da estação. Mas o receio de ser roubado perseguia-o e, como por ali apparecesse um engraxador, para meter conversa resolveu requerer-lhe os serviços.

Pouco tardou o comboio. Mas foi só quando, já em franca manhã, com socego se poude recompôr, que Pena Pina verificou que, não só trazia o capachinho humido e cheirando a gato, como também trazia aos laivos as botas amarelas, que o engraxador tingira com pomada preta e bem retinta.

Cirano de Velhofrac.

Cear alegremente só no Solar d'Alegria.

Como quer você a sua estatua?

«Pois sim, se quiserem. Sentem-me numa cadeira e não se esqueçam de levar-me o chá todos os dias, porque mesino de pedra, todo eu serei folhinhas de chá.»

Gualdino Gomes.

«Uma estatua? Esplendida ideal! O pedestal que sejam os estatutos do Lisboa & Açores. E não se esqueçam de pôr-lhe este distico: *Ao que nas assembleias foi o verdadeiro chá de Parreira — Os acionistas bucolicos reconhecidos e por reconhecer.*»

José Parreira.

«Uma estatua, não! Outro hotel, que me agrada mais. E', neste momento, o monumento a que aspiro.»

Alexandre de Almeida.

«Façam a estatua a dois mil metros de altura.»

O «Junkers» Felix Correia.

«Vai-te despir! Uma estatua?! Está a tua ideia longe de ser uma coisa realizavel. Eu, de pedra, havia de ter

certa piada.»

Nascimento Fernandes.

«Façam a estatua toda em fitas... de nastro.»

Um cinefillo.

O D'Annunzio já me prometeu um lugar na dele...»

Antonio Ferro.

«Uma estatua, sim! Mas que só se veja ás quintas-feiras.»

Norberto de Araujo.

«Não me falem nisso, que me arrepio todo! Eu, de pedra, como é que podia comer?!»

Joshua Benoliel.

«Deixem-se de ideias tristes. Deixem a estatua e vão antes lá ao teatro, porque assim é que não tem piada nenhuma.»

Alves da Cunha.

«Se vocês fossem capazes de arranjar pedra que chegasse...»

Chaby Pinheiro.



UMAS CALÇAS PARDAS



O Antoninho quando entrou no quartel para prestar serviço militar, um sargento entregou-lhe a farda e recomendou-lhe que se vestisse depressa. Mas o Antoninho ao tentar vestir aquelas roupas ficou perplexo.



E tanto que passada meia hora, quando voltou o sargento, ainda o Antoninho não se tinha vestido e estava com as calças na mão, muito atrapalhado. — Que fazes, idiota?! — gritou o sargento encolerizado.



— Meu sargento — respondeu o Antoninho — estou á espera que chegue o outro. — Qual outro? — O que se ha-de meter aqui comigo — respondeu o Antoninho mostrando-lhe as calças.



O «Barracas» fez o jogo «a media luz»

O desafio ou treino da selecção nacional de foot-ball com os argentinos devia começar ás duas e meia. Contudo, principiou depois das três horas.

Dizem as más linguas que a demora teve historia.

Porque, antes do desafio ou treino, dois componentes do onze nacional teriam ido junto dos dirigentes fazer uma breve prelecção sobre as 500 libras recebidas pelos estrangeiros.

Desafio ou treino?

O Barracas salu-nos um Barraquinhas. Ganhou por três-dois, ainda não se sabe bem como e com um jogo todo a media luz...

Não teria havido engano no paquete que o trouxe? Não terá ido o team do Barracas para outro porto, enquanto em Lisboa desembarcava apenas um grupo tocador, cantor e dançarino de tangos? O certo é que só por a selecção nacional ter adormecido como que ao som duma melopeia-milonga, se explica o resultado.

Se o grande grupo argentino é apenas aquilo, deve mudar de nome. Barracas é suntuoso em demasia.



Os Barracas provarám os portugueses e provarám que eramos «prováveis» ...

Que fique sendo apenas o grupo dos Quozques...

Em resumo: — unanimidade absoluta de vistas.

Perante isto, assumimos corajosamente uma atitude original. Calorosamente felicitamos o sr. Torres de Sousa. Porque conseguiu uma coisa unica no mundo da bola. Pôr de acôrdo, nemine discrepante: — o publico, os jogadores, os dirigentes, as colegas, os criticos... e tutti quanti...

Vem a proposito dizer que este ultimo facto veio dar uma alma nova aos arbitros dissidentes — aqueles que reclamam autonomia para a corpo ração.

Dizia um deles: — «Mais três arbitragens assim, e a gente ganha a cartada! Porquê? Porque o publico lincha os restantes juizes fiéis...»

Num banquete realizado ha pouco, um delegad official afirmou, depois de comer, que: — só naquele momento descobriu a existencia e as vantagens do Olimpismo.

Foi uma afirmação sincera e grandemente oportuna.

Houve quem sorrisse. Mas a verdade é que, se todos os oradores do desporto exprimissem tão claramente as suas ideias, outro galo nos cantaria... e talvez não houvesse mais banquetes...

Realiza-se em Março proximo uma sensacional corrida de automóveis em Sintra. O ponto de partida é no largo da Estefania e o percurso sobe em rampa até ao sitio chamado Chão de Meninos.

Ora uma prova que começa na Estefania para acabar em Chão de Meninos, ha de ter, pelo menos, uma grande concorrência de parteiras!

Rebolz-A-Bela.

No Coliseu...



Que «lata»!...



Que «lata»!...

Balada da Associação

Naquela velha Associaçõsinha anda o juizo muito ao Deus dará; ha cavalheiros que não teem linha, e aqueles que a teem: — vão deixa-la lá.

Chamam-se burros, tansos, aldrabões e outras gentis palavras sem decencia. Mas afinal retiram-se as expressões, devido á decisão da presidencia.

Ingénuosinho houve um cavalheiro que gritou: — Bestas! — ou que esteve quasi... Calculem lá o brutal berreiro P'ra o cidadão engulir a frase.

E enguliu-a ali como um catita. E engulia mais se mais dissesse. E atraz daquela fitá outra fita. E assim sucessivamente, ao que parece...

Naquela velha Associaçõsinha Ando o juizo muito ao Deus dará. Em tempos houve realmente linha; agora é coisa que não ha por lá...

... dos Recreios



Oh! François... qui mal não pense?!



Filho de palhaço sabe palhaçar...

Boa cozinha! só no Solar d'Alegria.

ECOS DA SEMANA

NO AFGANISTÃO CONTINUAM OS REIS NA DISPUTA DO TRONO QUE AO QUE PARECE, TEM ALFINETES ESPETADOS - DEVE SER ALGUMA PARTIDA CARNAVALESCA

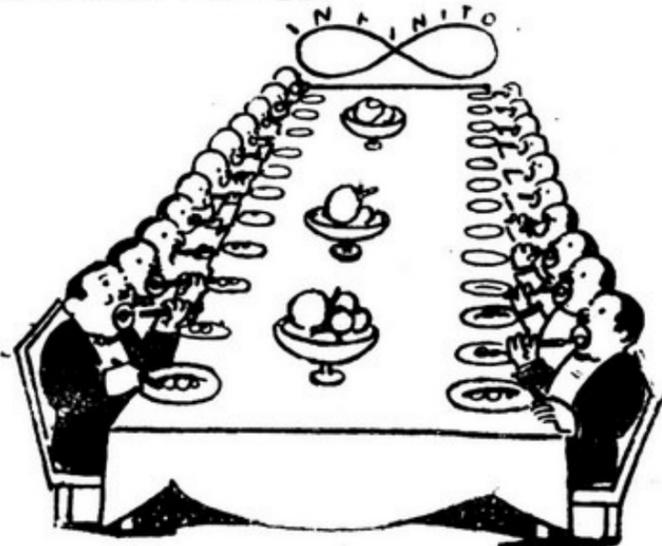


COMPANHIAS HOMEOPATICAS REUNIDAS DA POUCA AGUA E DA POUCA LUZ - QUANDO DEIXARÃO ELAS DE CHUCAR DA NOSSA PACIENCIA?

COMPANHIAS DA POUCA...



CONSTA QUE.. NO BANQUETE DO COME INTE AO LIMPIDO SE DESENVOLVERAM VARIOS QUEIXOS BATENDO-SE VARIOS 'RECORDS' - A MESA VIAM-SE MUITOS DRS. JOSÉS PONTES.



AS MULHERES PORTUGUESAS VÃO OFERECER A PRIMEIRA AVIADORA PORTUGUESA UM AVIÃO EM QUE NÃO FALTARÁ COISA ALGUMA, COMO POR EX: - UMA MAQUINA DE COSTURA



GLAZOUNOW EM LOS BOA
A ALMA DESTA GRANDE ROMANTICO RUSSO E TAL QUE LHE OCUPA TODA A REGIAO 'BARRIGAL'. A SUA GRANDEZA FISICA CORRESPONDE BEM A SUA GRANDEZA MUSICAL. EM BAIXO VE-SE MLE. OLGA GAVRILOF, PIANISTA QUE ENCANTOU CASADOS, SOLTEIROS, VIUVOS, ETC. MUITOS BRAVOS A AMBOS!

